

Desocupação foi a 8%

Durante todo este ano, a taxa de desemprego aberto – que é o número de trabalhadores demitidos à procura de um novo emprego – ficou entre 7% e 8%. Chegou a bater 8,2% em maio, a segunda mais alta já registrada, perdendo apenas para a de maio de 84, que foi de 8,28%.

Apurada pelo IBGE, a taxa de desemprego reflete o comportamento das seis principais regiões metropolitanas do país: São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Recife, Salvador e Porto Alegre.

Depois de um período de estabilização em torno de 4%, o desemprego subiu para 5%, de 90 a 92, em consequência da crise do governo Collor. O indicador voltou a estabilizar-se para retomar a escalada em 97, lembra Shyrlene Ramos de Souza, coordenadora de análise conjuntural do IBGE. Segundo ela, a tendência é o

crescimento do desemprego até o fim deste ano, devendo superar o de 97, de 5,66%.

A economista atribui a piora do desemprego, nos seis primeiros meses deste ano, quando a média atingiu 7,81% – a mais alta dos últimos 15 anos –, à reação do governo à crise asiática. O governo pisou no freio da economia, com a elevação dos juros e o pacote fiscal. O consumo caiu, houve queda da produção e, ato contínuo, o desemprego aumentou.

A indústria continua demitindo e o comércio, que vinha absorvendo parte dos desempregados, passou a demitir. Na avaliação de Shyrlene, a crise asiática é responsável pela vertente conjuntural do desemprego, enquanto o baixo crescimento econômico responde pelo lado estrutural, que recebe o reforço das privatizações.